

# O filósofo e as itinerâncias da filosofia

Texto: Luiz A Passos

...teorias científicas, as doutrinas filosóficas, os dogmas religiosos são unicamente símbolos obscuros. Henri Bergson

A noite atropelava os últimos raios do sol. O desconsolo afundado nos olhos do homem, cuja juventude dissipara na busca de sentido, jaz agora aos pés do filósofo:

- Diz-me, ó filósofo onde ancoraste tu, teus desejos e inquietações, para embalares nos teus olhos este brilho de menino? Como posso chegar ao conhecimento livre das dúvidas e angústias? Onde, enfim, posso eu procurar a tua paz e nela encontrar repouso?"

O Filósofo de olhar aquilino, semblante iluminado, provocado nos conflitos que mais zelosamente guardava, respondeu-lhe:

- Não procures a paz dos filósofos! São seres portadores das grandes angústias. Não é que jamais cheguem a qualquer verdade, elas, ao contrário, ornem seus caminhos. Mas a cada descoberta e encontro, tangidos pelo agulhão do fascínio, namorados fiéis da ambiguidade, fazem mais de mil perguntas, que os tornam itinerantes e andarilhos inveterados. São aventureiros crônicos, exploradores dos limites. Vivem em breves assentamentos rústicos, sob os provisórios toldos das dúvidas, num arenoso deserto de expectativas.

A filosofia é vida, e suas veredas, meu amigo, podem ser concebidas como uma forma de engajamento itinerante, crítico, explicitamente tematizado pelos indivíduos a partir das preocupações com o valor, natureza e sentido de ser. Por isso mesmo tem sua produção de conhecimento, atípica. Quem opera o filosofar é um sujeito; e o faz por sobre seu próprio existir no mundo-com-outros-eus, sujeitos como ele, impossibilitados - ele e os outros - de por um só momento transformarem-se em "objeto" (exterior). Uma subjetividade-em-operação não pode atravessar o abismo que a circunscreve a esta facticidade. Uma subjetividade não pode de um momento para outro vir a ser um dado-aí e à mão, translúcido(Dasein) - visto ser ela mesma, ser estrangeira a si mesma e ao mundo(Camus). Isso, Merleau-Ponty expressa muito bem : "*A relação do filósofo com o ser não é uma relação frontal do espectador e do espetáculo, mas como que uma cumplicidade, uma relação oblíqua e clandestina*".

A natureza única e exclusiva da filosofia, meu inquieto peregrino, enquanto conhecimento humano produzido, não permite enquadrá-la como "ciência", entendido o sentido estrito dado pela Modernidade a este conceito. Conseqüentemente, ela não cabe, na semântica desta mesma Modernidade, dentro dos estatutos vigentes de cientificidade. A ciência, de outra forma, pressupõe um acúmulo sistematizado, e o Filósofo é avesso a repositório, pois vai da ignorância ao conhecimento e deste mesmo conhecimento à ignorância, *com um certo repouso*<sup>2</sup>

Há campos da filosofia que gradativamente ganharam o *status* de ciência, e a partir desta nova condição, adquiriram autonomia legítima de se constituírem como campo de observação, experimentação, controle e generalização, buscando aplicação técnica útil para o legítimo desenvolvimento da sociedade humana. Nos últimos anos, a Epistemologia, a Gnosilogia, seguindo caminhos antes rastreados pela Lógica, tornaram-se gradativamente *ciências* - não ainda num sentido rigoroso - e, na sua autonomia, procuram investigar as condições de possibilidade do conhecimento humano produzir saberes legítimos.

É aí, companheiro, que as certezas das ciências tantas vezes se me afigura como ídolos com pés de barro. Pois afinal de contas, quem fundamenta, valida e alicerça a ciência, na medida em que o homem que a produz, está em questão?

Os fundamentos da Filosofia não são melhores... Há, pois, de se acolher a filosofia como "sabedoria"(Piaget), não como ciência. Ela, neste caso, é então projeto humano aberto que desconhece limites, devassadora das fronteiras da penumbra com a escuridão. Nesta empreitada, o filósofo é um ser alado. Nestes sobrevôos noturnos(Hegel), que não teme cimos e abismos, encontra trilhas, veredas e transversalidades dialogantes com objetos do imaginário, a ser investigados pelas ciências contemporâneas. Desta forma só filosofa honestamente, quem usando rigor no pensar, está ao mesmo tempo livre de ídolos (Nicolau de Cusa/Bacon), livres das tradições e das formalidades convencionais destes mesmos conhecimentos, para melhor servi-los. Como também só é cientista sério aquele que produz um conhecimento capaz de tolerar a dúvida e a suspeita sobre ele mesmo(Kuhn).

<sup>1</sup> MERLEAU-PONTY. Maurice. *Elogio da Filosofia*. Lisboa: Guimaraes Ed., 1986; p. 11.

<sup>2</sup> Idem, pp. 123 e 124.

Este ser alado que o filósofo é, tem porém ancoradouro e ninho: a paixão.

Isso faz diferença entre este e um cínico: é que o primeiro pousa no chão da sua ignorância, e o segundo no vaporoso *faz-de-conta* do seu conhecimento. Quem filosofa, com autenticidade, o empreende na consciência de uma ignorância infinita (*Sócrates*) - está sempre singrando um indomável oceano de mutações e dúvidas. Ao tomarmos a Filosofia por amante, meu caro amigo, única sabedoria que nos cabe é a ignorância de que verdadeiramente não sabemos e o devotamento eterno aos seus amores. Isso não nos engrandece, não gera em nós soberba, mas é uma condição que nos humilha. Um filósofo não se gaba de suas chagas, mas as acolhe como condição prévia do seu percurso. Sente-se desinteressado pelo já-constituído, e imanta seu leme em direção à bruma, encarando a fumaça das visagens, numa viagem que não conhece retorno, ocaso ou porto seguro.

O filósofo se for ave é, contudo, um ser histórico situado e engajado, enraizado na terra, ou não será filósofo! Sua missão primeira é *pensar o seu tempo* (*Heidegger*). Transcender tempos e espaços, inclusive os seus, para relativizá-los nos arroubos da paixão. Soçobra e dança a labareda de sua própria combustão, numa via solitária, sobre o ainda-não explorado, mas sempre compromissado com a terra.

Não. Eu afirmo: a filosofia não traz as respostas que buscas, mas outras cem mil perguntas. Ela não abre estradas, mas aponta miríades de atalhos.

Um iluminista que pega verdades com a mão com elas enche ânforas, e se diz filósofo, é tão somente um mendigo delirante, nestas sendas. Sente-se rico envolto em farrapos e andrajos de conhecimentos, noções estas que se esvaem corroídas pelo acrisolamento impiedoso do *tempo* e da *verdade*.

A filosofia, irmão meu, é uma via mística que nos empatana dia após dia, em perguntas sempre mais radicais e sérias, e, para a grande maioria das quais, não teremos qualquer resposta. E são estas perguntas as únicas que merecem completa consideração. E o Filósofo, obstinado como o místico, não permuta jamais sua ignorância por saberes domados: estes não lhe saciam a fome, nem a sede de sabedoria. Giordano Bruno, nosso filósofo maior dizia da trilha do filosofar: "*De maior apreensão nasce maior e mais intenso desejo... a potência intelectual jamais se aplaca, jamais se satisfaz na compreensão já conseguida de uma verdade, mas sempre avança cada vez mais além da verdade incompreensível*<sup>3</sup>". A Insquição pensou ter calado em Giordano Bruno a filosofia: ela habita a paixão da busca de cada ser humano

O único compromisso e anelo nestas veredas é a busca da Verdade Viva, que atea fogo aos olhos e coração, e que constitui um compromisso de vida anterior à própria vida, como um pacto de fidelidade a um Amor Primal.

O filósofo, apesar disso, não está às cegas, não é niilista. A filosofia é atenta aos sinais, às pegadas, ao aceno e às não-palavras do mistério. Por detrás de cada vestígio, a Verdade do Ser marca um novo encontro - ainda que parcial - cujo amplexo terno e amoroso, que se iniciou na primeira fagulha do desejo, cresce, amadurece, e que somente se realizará de forma completa no último alento da vida!

A noite passara à galope. Os primeiros sinais da alvorada derretiam a escuridão. O filósofo disse:

- Você, desconsolado peregrino, sem o saber foi um amante fiel da verdade... por causa disso, meu filósofo andarilho, momento algum de sua vida foi perdido. Respostas? Não sei se algum dia terás... Também como o místico - cujas bodas com o Espírito de Deus não está aqui, nem ali, mas no seu percurso - a filosofia é uma *via* de caminheiros (*Gabriel Marcel*), ou melhor ainda, constitui-se de caravanas de caminhantes ébrios por vinho doce, dolorosamente apaixonados, abrindo picadas, que em se detendo em tudo, não se deixam aprisionar por nada, momento algum sequer.

O homem agora transfigurado, mas hesitante, perguntou:

- Mas, se a filosofia não nos trás respostas duradouras menos ainda finais, o que afinal de contas ela nos dá, por conta de devorar e incendiar nossa alma no desejo?

- Nos resgata do lamaçal do niilismo, da credulidade e do dogmatismo. Ela nos devolve uma certa saúde mental, e ternura com os outros e outras, não nos permitindo a antropofagia de acender fogueiras estribados nas nossas pretensas e míseras certezas! (*Rubem Alves*) É ela que nos dignifica em nossa humanidade, porque somos apenas sonho e pó!

Clareava de vez, vigoroso, o dia. Dois homens encontravam-se mais humanos, enternecidos, por caminhos diversos, na penumbra daquela mesma noite. O Filósofo tirara um peso do seu coração -

---

<sup>3</sup> BRUNO, Giordano. *Degli eroici furori*(1585), II, 3242 e 412 in SALVESTRINI, Virgilio, Pisa, 1926 in MONDOLFO, Rodolfo. *Figuras e idéias da renascença*. São Paulo: Mestre Jou, s/data., 65-66.

não queria ser tido por sábio, que não era; e o peregrino viu, pela vez primeira, na manhã que se espraia uma brecha de sentido e de luz, nas suas andanças.

Cuiabá, aos cem anos da publicação de *Matéria e Memória* do filósofo Henri Bergson.